

## O LEGADO DE PESTALOZZI

**Avani Maria de Campos Corrêa\***  
avacorrea@hotmail.com

**Guilherme Saramago de Oliveira\***  
gsoliveira@ufu.br

**Mara Cristina Piolla Hillesheim\***  
marapiolla@iftm.edu.br

**Anderson Oramisio Santos\*\***  
oramisio@hotmail.com

\*UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA - UFU, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil  
\*\*UNIVERSIDADE FEDERAL DE JATAÍ - UFJ, Jataí, Goiás, Brasil

---

### Resumo

O presente artigo tem como objetivo apresentar algumas contribuições relevantes do pensamento de Pestalozzi para a educação. A análise focaliza, sobretudo, na vida e obra do educador, pois ele foi defensor de uma pedagogia humanista e social. Tinha consciência da função social da escola e, por isso, era adepto da reforma da sociedade, por meio da educação das classes populares. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, embasada nos pressupostos da abordagem qualitativa, decorrente de estudos já realizados sobre a temática eleita. A conclusão a que chegamos aponta para uma proposta educacional voltada para as classes populares, tendo como base uma abordagem com ênfase nas problemáticas sociais.

**Palavras- Chave:** Pestalozzi. Pedagogia Humanista e Social. Classes populares.

### Resumen:

Este artículo tiene como objetivo presentar algunas contribuciones relevantes del pensamiento de Pestalozzi a la educación. El análisis se centra, sobre todo, en la vida y obra del educador, como defensor de una pedagogía humanista y social. Era consciente de la función social de la escuela y, por tanto, era experto en reformar la sociedad, a través de la educación de las clases populares. Se trata de una investigación bibliográfica, basada en los presupuestos de un enfoque cualitativo, resultante de estudios ya realizados sobre el tema elegido. La conclusión a la que llegamos apunta a una propuesta educativa dirigida a las clases populares, basada en un enfoque que enfatiza lo social.

**Palabras clave:** Pestalozzi. Pedagogía Humanística y Social. Clases populares.

### Resumen:

Este artículo tiene como objetivo presentar algunas contribuciones relevantes del pensamiento de Pestalozzi a la educación. El análisis se centra, sobre todo, en la vida y obra del educador, como defensor de una pedagogía humanista y social. Era consciente de la función social de la escuela y, por tanto, era experto en reformar la sociedad, a través de la educación de las clases populares. Se trata de una investigación bibliográfica, basada en los presupuestos de un enfoque cualitativo, resultante de estudios ya realizados sobre el tema elegido. La conclusión a la que llegamos apunta a una propuesta educativa dirigida a las clases populares, basada en un enfoque que enfatiza lo social.

**Palabras clave:** Pestalozzi. Pedagogía Humanística y Social. Clases populares.

---

## 1. Ideias Iniciais

Um breve retorno ao passado justifica-se, neste trabalho, para compreendermos o contexto histórico do Iluminismo, assim como as suas repercussões no âmbito da educação, sobretudo na vida e obra de Pestalozzi. O iluminismo foi um movimento político e filosófico que se efetivou na Europa, no século XVII, atingindo seu auge no século XVIII, tornando-se conhecido como *Século das Luzes*. Tal sinônimo advém do fato de que essa corrente ocorreu durante o século XVIII, que tinha presente a ideia de luz. Santos (2013, p. 2) assevera que, para os iluministas “[...]os homens da sociedade do Antigo Regime viviam nas trevas da ignorância, do fanatismo, das superstições, da violência, do atraso e da opressão”. A explicação para isso, é porque os homens tinham sido educados dessa forma.

Em linhas gerais, Santos (2013, p. 2) considera que a sociedade do Antigo Regime, pode ser entendida como a confluência política que havia entre feudalismo, absolutismo e mercantilismo (como agrupamento de concepções, condutas e práticas de intervenção estabelecidas pelo Estado absolutista), que acabou por ser destruída e cedeu lugar ao desenvolvimento do capitalismo e da burguesia.

Por esse motivo, considera-se que a Revolução Francesa foi a mais relevante revolução burguesa já realizada na história da humanidade. Ao evidenciar os valores burgueses, o Iluminismo propiciou ainda mais ascensão da referida classe social. Ansiavam por uma explicação racional para todas as coisas, com isso fragmentavam as maneiras de pensar até então aprovadas pela tradição. Desprezavam a submissão passiva à autoridade e a crença na visão medieval teocêntrica e eram críticos à intolerância religiosa. Isso significa que o Iluminismo foi um movimento intelectual composto por filósofos, economistas e pensadores políticos, que analisavam a sociedade e suas instituições à luz da razão (SANTOS, 2013).

Importa salientar que os iluministas eram adeptos da reorganização da sociedade, objetivando uma política centrada no homem, a fim de assegurar a liberdade. Em face desses ideais, a corrente iluminista defendia a burguesia, tendo em vista que tinham interesses em comum. No que tange à educação, as críticas giravam em torno de que havia uma escola para o povo e outra para a burguesia. Para eles, a escola deveria ser laica e livre de crenças religiosas.

O *Século das Luzes* teve vários representantes, no entanto, teceremos breves comentários acerca de Jean Jacques Rousseau, filósofo e precursor do romantismo, que influenciou vários pensadores, entre eles Pestalozzi, que se destacou por revolucionar a educação, abordando, pela primeira vez, a temática da infância. Além disso, resgatou a relação entre educação e política. Na concepção desse filósofo, o objetivo educacional é desenvolver as potencialidades das crianças. Suas concepções filosóficas estão

incluídas no tratado, denominado *Emílio ou da educação*, e no Discurso sobre a origem e fundamento da desigualdade entre os homens. Foi defensor de uma educação ligada à natureza, alicerçada na liberdade e na igualdade dos homens. Na outra obra, *O contrato social ou princípios do direito político*, está contida a sua concepção filosófica sobre política (SANTOS, 2013).

Nesse viés, atenta-se para o fato de que os acontecimentos políticos, sociais e culturais que agitaram a Europa, no decorrer do século XVIII e início do século XIX, caracterizaram a conjuntura em que viveu Pestalozzi. Nesse contexto, a escola era restrita a pequenos grupos. O ideal pestalozziano era que a educação contemplasse o trabalho e o conhecimento para se ter uma formação completa. Era contra a pobreza e a exclusão social. Foi nesse cenário que o referido pensador, influenciado pelo ideário de Rousseau, teoriza seu método em favor das classes populares, em seus institutos. Suas ideias eram pautadas no espírito humanitário, com intuito de melhorar as condições de vida daquelas pessoas (BRUM, 2014).

No tocante a essa discussão, Incontri (1997, p. 18) chama atenção para o fato de que o propósito de Pestalozzi era fazer uma crítica ao “[...] materialismo extremo” a que o iluminismo havia chegado. Ainda na concepção da autora, Pestalozzi “[...] se torna uma ponte entre os dois momentos históricos: é a transição, o passo entre o iluminismo francês e o idealismo alemão”. Por isso, não justifica posicioná-lo apenas no período histórico ou localização geográfica. Até porque “[...] há outros componentes em sua especificidade” (INCONTRI, 1997, p. 18).

Os princípios básicos que fundamentaram sua pedagogia eram amor, benevolência, firmeza e uma educação não repressiva, apesar de acreditar que as crianças precisam de limites. Para Manacorda (1992, p. 263), Pestalozzi “[...] sugere, então, uma educação não repressiva, não baseada no medo das punições, “que serviria apenas para agravar o mal”. Tais ideias contrapõem-se às da época, as quais preconizavam as punições físicas e repreensões, pois eram concebidas como maneiras eficazes de manter a disciplina entre os alunos.

Vale ressaltar que existem dificuldades ao se proceder às pesquisas sobre Pestalozzi, pelo motivo de não terem sido traduzidas para nosso idioma. Diante dessa realidade, Arce (2002, p. 12) corrobora com o exposto e afirma: “[...] entendo que a tradução das obras desses pensadores para o português é uma lacuna ainda a ser cumprida no campo dos estudos educacionais e, principalmente, da história da educação” (ARCE, 2002, p. 12). Incontri (1997) complementa essa assertiva, evidenciando que há três pressupostos que justificam tal fato: o primeiro, “A anemia livresca”, ao compararmos o acervo milenar da Europa e a abundância bibliográfica de países como Argentina e México; o segundo ponto, por Pestalozzi apoiar-se na filosofia protestante, cuja influência não chegou ao Brasil, país

católico; e, terceiro, porque as obras foram escritas em um alemão incompreensível, sendo extensas e de laboriosa interpretação.

Assim, para uma melhor organização do estudo ora apresentado, este trabalho está estruturado da seguinte maneira: inicialmente, apontam-se breves comentários sobre o Século das Luzes. Na sequência, a vida e obra de Pestalozzi, as experiências de Neuhof, Stans, Burgdorf e Yverdon; a teoria dos três estados e o princípio fundamental do pensamento de Pestalozzi. Por fim, são realizadas algumas ponderações importantes sobre a temática apresentada.

## **2. Entrelaçando os fios da vida e obra de Pestalozzi**

Revisitar a biografia de Pestalozzi significou compreender melhor seu pensamento e sua trajetória como educador. Assim, ao apresentar alguns dados, situamos o autor e sua obra no século XVIII, um clássico da pedagogia. Vale ressaltar, que os fios do pensamento e a prática do referido educador se entrelaçam “[...] não como um artefato teórico previamente elaborado para orientar a ação, mas como um imiscuir constante da [...] ‘teoria’ e da ‘prática’, parelha que apenas de modo analítico conseguimos separar” (BONTEMPI JÚNIOR, 2019, p. 71). A esse respeito, é interessante ressaltar a afirmação de Incontri (1997, p. 12), de que “[...] há uma presença tão forte do homem Pestalozzi nas ideias de Pestalozzi e uma coerência tão intrínseca que não existe uma só interpretação sobre esse autor que não tenha largas conexões biográficas”. Conforme essas considerações, pode-se constatar que o seu pensamento é indissociável de seu agir.

Johann Heinrich Pestalozzi, educador suíço, também conhecido como pioneiro da reforma educacional, nasceu em 12 de janeiro de 1746, em Zurich, cidade localizada no norte da Suíça, bem próxima à fronteira com a Alemanha. Faleceu em Brugg, em 17 de fevereiro, aos 81 anos. Era descendente de família italiana de classe média. Filho do médico Johann Baptist Pestalozzi, que também exerceu o papel de pastor protestante, conforme asseverou Cambi (1999, p. 417). Sua mãe, Susanne Hotz Pestalozzi, era filha de comerciantes bem-sucedidos.

Aos cinco anos de idade, Pestalozzi perdeu seu genitor, que os deixou com a situação financeira fragilizada. Foi educado pela mãe, que se dedicou à educação dos filhos com a ajuda da babá Barbara Schmid, cujo apelido era Babeli. Ao que parece, a influência da mãe e da babá “[...] deram ao seu caráter a feição peculiar que conservou durante toda a vida: afetuoso, emotivo, sensível e generoso por natureza.” (EBY, 1976, p. 375).

Desde a primeira infância, vivenciou muitas dificuldades que contribuíram para que o referido educador desenvolvesse sentimentos de amor ao próximo e compaixão. Nesse aspecto, é justo destacar que as experiências vividas em família foram fecundas para dar a natureza do “[...] caráter altruísta, fonte

de todas suas lutas, fracassos, tristezas e, da mesma forma, de seu sucesso imorredouro” (EBY, 1976, p. 375). Frequentou a escola pública elementar, e a secundária. Arce (2002) destaca que Pestalozzi passava o período de férias com seu avô paterno, vivenciava as melhores experiências de vida e o contato com a natureza. Nesse período de tempo, também observara o quadro de pobreza e necessidades que o entorno apresentava, advindo daí a sensibilidade perante o sofrimento daqueles que o cercavam.

Foi transferido para o centro superior, que se dividia em “Collegium Humanitatis”, o qual ofertava curso de dois anos, voltado para as artes e o “Collegium Carolinum”, com enfoque na profissionalização, dando ênfase à teologia. Pestalozzi cursou as duas fases (EBY, 1976). Apesar de sua formação religiosa, e exemplos de virtudes cristãs que recebera do avô, não sentiu inclinação para carreira sacerdotal, pois percebeu que não obtivera êxito em seu primeiro sermão. Voltou-se para o Direito, porém abandonou a intenção de ser jurista, em virtude de suas concepções políticas.

Nesse contexto, Incontri (1997) afirma que Pestalozzi não teve uma formação acadêmica, abandonou a universidade, leu diversos livros que os amigos indicavam e isso já sinalizava indícios de seu perfil autodidata. A referida autora reconhece que Pestalozzi foi um filósofo solitário, por não refletir a partir de uma tradição anterior à sua. Não que tenha perdido as suas características de origem, pois é possível identificar sua raiz protestante pietista. Em outras palavras, Pestalozzi “[...] não parte de nenhum sistema para criar o seu, como vários filósofos fazem [...] não filosofa com os termos da época – cria seus próprios termos” (INCONTRI, 1997, p. 18). Outra característica peculiar de Pestalozzi, intimamente relacionada à anterior, “[...] é a sua capacidade de aprender com a experiência e, com isso, de ajustar o seu filosofar às descobertas existenciais e concretas feitas no decorrer da vida. E isso também o distancia do idealismo alemão” (INCONTRI, 1997, p. 19).

Incontri (1997, p. 19) amplia essa análise, ressaltando que o referido educador nunca renunciou esse aspecto empírico de uma reflexão pedagógica, por esse motivo, não se prendeu “[...] às sistematizações grandiosas e totalitárias do romantismo filosófico”. A autora prossegue afirmando que há nisso consequência penosa para o pesquisador, no sentido de ter que encontrar cada conceito pestalozziano, no decorrer de toda a sua obra, para tentar detectar simultaneamente

[...] o devir de sua filosofia e a permanência de um fio condutor, e sempre conectar a filosofia com as experiências por ele vividas. Esse caráter assistemático de sua filosofia é antes uma qualidade, pois o afasta do dogmatismo e lhe dá um caráter até científico (INCONTRI, 1997, p. 19).

De acordo com Incontri (1997), tais qualidades atribuem a Pestalozzi um lugar singular na história das ideias. E a coerência está justamente no princípio de ele ser receptivo à aprendizagem cotidiana, como asseverou que a vida educa, de modo que não se possa extraviar-se do caminho.

Outra característica relevante, extraída dos estudos de Soetard (2010, p.13), indica que Pestalozzi estreitou os vínculos com os “pietistas” de Zurich, cujos integrantes envidavam esforços “[...] em viver um cristianismo prático, longe da ‘religião do verbo’, das imposições dogmáticas e dos compromissos políticos”. Ainda na juventude, foi membro da Sociedade Helvética, movimento intelectual da época, que era contra o poder aristocrático na Suíça, além de criticar a situação política do país e sugerir reformas. Palmer (2005) ressalta que:

A Revolução Helvética de 1798 mudou dramaticamente a vida de Pestalozzi. Confiante que essa revolução haveria de restabelecer a velha república virtuosa e convencido da integridade moral dos novos líderes, logo esboçou o projeto de um instituto de aprendizagem industrial para crianças pobres (PALMER, 2005, p. 86).

É importante considerar que as repercussões da Revolução Helvética, da Revolução Francesa, a situação política da Suíça e outros elementos de cunho histórico e ideológico, entremeiam Pestalozzi, interligando-se ao seu pensamento de maneira indireta (INCONTRI, 1997).

Em 1762, após a leitura do livro *Emílio ou Da Educação*, do filósofo franco-suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), sentiu-se inspirado por suas ideias, posto que Pestalozzi defendia os conceitos de criança, família e instrução. Em consonância com o exposto, Cambi (1999, p. 417) assevera que “[...] o pensamento juvenil de Pestalozzi é orientado pelos princípios rousseauianos da educação familiar e da finalidade ética da educação”. Nessa mesma perspectiva, Manacorda (1992, p. 261) observa que o anseio de Pestalozzi era o de “[...] juntar aquilo que Rousseau separara, isto é, o homem natural e a realidade histórica e o fez aderindo ao seu tempo e também fechando-se dentro dos limites ideais de uma sociedade predominantemente pré-industrial”. O referido autor acredita que seu exemplo concreto e suas intuições de psicologia infantil e de didática constituíram um dos pontos de partida de toda a nova pedagogia.

Brum (2014), ao discorrer sobre a intenção social de Pestalozzi, reitera o comprometimento com a libertação e transformação da sociedade que ele almejava. A referida autora, salienta que,

Pestalozzi colocou-se ao lado do povo na busca pelos direitos proclamados pela Revolução Francesa em direção aos ideários de liberdade, igualdade social e autonomia civil. Procurando articular a liberdade dos sujeitos diante das diferenças culturais, econômicas e políticas, o que supera em muito uma formação cognitiva, as obras do autor despontam como análogas àquelas dos autores iluministas modernos, como Rousseau e Basedow, Kant e Humboldt. Pestalozzi fez o encadeamento de suas ideias e dos seus sentimentos sobre o direito civil e sobre a moral e integra seu pensamento ao de Rousseau e Immanuel Kant estabelecendo uma unificação entre o radical naturalismo de um e o radical moralismo do outro (BRUM, 1994, p. 29-30).

Há que se destacar que Kant (1724-1804) era admirador da obra *Emílio ou da educação*, de Rousseau, e influenciou Pestalozzi sobretudo nas questões relacionadas à moral, tanto que na obra de

Pestalozzi “[...] a questão da realização do homem como ser moral deve ser o objetivo básico de toda a operação pedagógica” (INCONTRI, 1997, p. 22). A esse respeito, Eby (1976, p. 386) aduz que “[...] de acordo com a doutrina de Kant, Pestalozzi sustentava que a vida moral do homem deve ser prioridade e a físico-motora e a intelectual são subordinadas”.

Por volta de 1767, Pestalozzi decidiu se preparar para ser fazendeiro, visto que, naquela época, a preparação para o cultivo da agricultura era vista com muita simpatia. Nesse mesmo ano, ficou noivo de Anna Schulthess, pois sua personalidade o encantava e era sensível às causas sociais e pedagógicas, inspiradas no ideário de Rousseau. Em 1769, casa-se com Anna Schulthess e, no ano seguinte, nasce seu único filho Hans Jakob Pestalozzi.

### **3. As experiências de Neuhof, Stans, Burgdorf e Yverdon**

Em 1771, ocorre a instalação da Fazenda Neuhof, uma propriedade pequena, onde se iniciou um empreendimento agrícola, convicto de uma prosperidade crescente. Há que se destacar que, nesse período, Pestalozzi sentiu que deveria educar seu filho de acordo com o aprendido com Rousseau, no livro *Emílio*. Anotava as experiências vivenciadas com o filho em seu diário. Inclusive, era cauteloso com suas próprias falhas. Sob esse prisma, Brum (2014, p. 28) salienta que “[...] após esta reflexão, começa a relatar as limitações dessa experiência educacional, buscando aperfeiçoá-la por meio das observações no convívio com as crianças e nas discussões teóricas que relata em suas obras pedagógicas”. Apesar de ainda estar envolvido no ímpeto político da mocidade, em que participara dos patriotas e do esforço de permanecer no campo, para dar prosseguimento aos ideais rousseauianos, de volta à natureza, não logrou êxito em virtude de sua inabilidade financeira e da falta de capacidade administrativa.

Pestalozzi então decidiu fazer um abrigo para crianças pobres que viviam mendigando pelas estradas, para ensiná-las a ler, escrever, calcular, trabalhar e orar. Idealizava formar um grande lar, onde a relação com os estudantes deveria ser pautada no amor e na fé (INCONTRI, 1997). Esse quadro de desamparo trazia à tona seus ideais antigos de trabalhar pela educação do povo. Na compreensão de Zanatta (2005):

Tinha como proposta unir formação profissional conectado a instrução intelectual, moral e religiosa. A educação prática refere-se ao aprender trabalhando, fazendo. Nesse ponto, Pestalozzi preocupou-se em relacionar conhecimentos e atividades práticas. Da mesma forma que a atividade intelectual necessitava de exercício especial da mente, era indispensável para o desenvolvimento de habilidades exteriores exercitar os sentidos e os membros (ZANATTA, 2005, p. 169-170).

No tocante a essa discussão, Luzuriaga (2001, p. 174), chama-se a atenção para o fato de que “[...] nela começa sua primeira experiência educacional, ao converter a granja num estabelecimento para educação de meninos pobres, que trabalhavam ao mesmo tempo que se educavam, tornando-a, dessa forma, verdadeira escola ativa ou do trabalho”. Frente a essa questão, Soetard (2010, p. 14) corrobora com a assertiva, afirmando que “[...] a empresa de Neuhoof esteve movida por um grande sonho de refazer uma humanidade autônoma, longe da civilização urbana e das discussões estéreis dos jovens aristocratas”. Ele próprio virou pobre entre os pobres para fazê-los constatar, por meio de sua própria condição, as ferramentas de sua libertação.

Apesar de ministrar “[...] uma educação em contato com o ambiente imediato, seguindo objetiva, progressiva e gradualmente um método natural e harmonioso” (GADOTTI, 2002, p. 91), começaram a surgir problemas. As crianças, acostumadas a pedir esmolas e a brincar livremente, não se adaptaram à disciplina da escola e fugiam à noite. Com isso, os benfeitores que colaboravam na educação das crianças, deixaram de ajudar, mesmo com todos os esforços empreendidos por Pestalozzi. Em 1780, com os recursos esgotados e iniciativa fracassada, a escola fechou as portas.

Dadas as circunstâncias em que se encontravam, sem teto e sem comida, a esposa e o filho foram acolhidos no castelo de uma senhora que morava nas redondezas. As proposições de Incontri (1997) reiteram essa análise, ao enfatizar que o fracasso de Neuhoof não foi apenas na questão financeira, houve outros elementos que contribuíram para tal acontecimento: a resistência aos seus ideais, a desconfiança dos camponeses e a falta de apoio da região.

Na sequência, após a falência do Instituto de Neuhoof, nasce o escritor Pestalozzi, que publica, em 1780, *Crepúsculos de um Eremita*<sup>2</sup>, que de acordo com Incontri (1997, p. 44), é onde ele difunde suas bases filosóficas, “[...] asseverando o homem na sua natureza moral”. Ademais, para essa autora o título anterior, que fora descartado, traduzia melhor o conteúdo da obra: *Diretrizes para um conceito da humanidade*. É nesse livro que ele reflete sobre as experiências vividas

[...] que teve em seu orfanato (abrigo), um trabalho didático que definiu sua teoria de reforma social por meio da educação, no clima de uma sociedade que buscava secularizar-se. O trabalho realizado com os órfãos e mendigos mostram a possibilidade de trabalhar com crianças ou jovens com dificuldades de adaptação social (BRUM, 2014, p. 28).

Isso significa que Pestalozzi concebia a educação como direito de todos, uma vez que a educação era privilégio de poucos. Em sua pesquisa de dissertação, Brum (2014) defende que além de propor uma pedagogia mais livre e socialmente mais ativa, construída para os ideais da época,

Pestalozzi foi um dos primeiros e mais importantes filósofos da pedagogia que descreveu a educação como um processo social. Suas obras educacionais, de certo modo, discutiram a função política da pedagogia no interior da sociedade, buscando a rearticulação da sociedade quanto a valores sociais, políticos, morais e culturais da



época, que passaram a ser vistos como meios para o desenvolvimento social (BRUM, 2014, p. 38-39).

Convém salientar, que Pestalozzi não compactuava com aquela situação de miséria e opressão em que o povo vivia. Tinha outra visão de educação. Tanto que o método pestalozziano trabalha com alguns eixos relevantes: intelectual, físico, profissional e moral. É indispensável observar que a educação moral tem dois objetivos: superar os impulsos animais, pela prática de exercícios divinos; e a constituição do homem em ajudar o próximo. Daí advêm o caráter cristão de sua moral (INCONTRI, 1997).

No entendimento de Brum (2014), o intuito de libertar a população daquela submissão e arbitrariedade despertou em Pestalozzi a vontade de engajar-se na problemática social da época. “Seu método despertou uma nova consciência educativa social, ligada às necessidades do povo e do Estado, influenciando o comportamento educativo docente que passou a agir de forma mais harmônica preservando a liberdade criativa do aluno” (BRUN, 2014, p. 39).

Necessário se faz enfatizar, de acordo com os estudos de Cambi (1999), que em Pestalozzi,

[...] podemos colher o vínculo estreitíssimo entre pedagogia e sociedade através da disciplina e do trabalho, mas também a formação do homem vista como exercício da liberdade e da participação na vida coletiva, econômica e social. É na liberdade que Pestalozzi indica a função sociopolítica e, portanto, ideológica da educação (CAMBI, 1999, p.409).

No ano posterior, publica *Leonardo e Gertrudes*, obra que teve grande destaque e trata de suas concepções pedagógicas e de suas experiências vivenciadas no passado, sobretudo o descaso com a educação, por isso, no referido romance, tece uma contestação contra a educação da época. Na sequência, em 1783, escreve *"Direito e infanticídio"*, considerada “[...] a primeira obra de sociologia juvenil já publicada no mundo” (INCONTRI, 1997, p. 9).

Em 1797, Pestalozzi publica “Investigações sobre o curso da natureza no desenvolvimento do gênero humano”, cujo reconhecimento ocorreu somente após sua morte. Essa obra traz uma reflexão sociopolítica, conforme informa Brum (2014, p. 29), “[...] ligada à crítica sobre a ordem social da sua época, por ter vivido junto às classes populares e delas ter recebido grande influência, tanto do ponto de vista econômico, político como do âmbito social”. Diante disso, Brum (2014), ao se referir a Pestalozzi (1967, p.41), indica o sentimento que o tocava em relação à classe popular: “[...] desde a minha juventude meu coração se abalou, como uma torrente poderosa, isolada e solitária, em direção à minha única finalidade – secar as fontes da miséria em que eu via naufragar o povo a meu redor”. Conforme expõe Brum (2014, p. 29) “[...] valeu-se da educação para valorizar toda uma classe desfavorecida, pois Pestalozzi via na educação o suporte para a autonomia individual dos sujeitos”.

Os apontamentos de Brum (2014), assim como o exame das fontes estudadas, revelam que as obras de Pestalozzi, denotam:

[...] sua intenção social e o amor que nutria pelo povo prova seu comprometimento com o processo de libertação e transformação da sociedade. Por assim pensar, Pestalozzi colocou-se ao lado do povo na busca pelos direitos proclamados pela Revolução Francesa em direção aos ideários de liberdade, igualdade social e autonomia civil (BRUM, 2014, p. 29).

Em 1798, Pestalozzi vai para Stanz trabalhar com os órfãos, a convite do governo da Suíça. Conforme observou Arce (2002, p. 65), “[...] o convívio era baseado no amor e no bom exemplo, o autor era como um bom pai para seus pequenos alunos, a escola era vista como família”. Nesse mesmo tempo, Brum (2014) assevera que tudo era novidade para Pestalozzi, e o número de crianças aumentava consideravelmente. Assim,

Viu-se obrigado a instruir sozinho e sem auxílio um grande número de crianças. Por isso, colocava as crianças maiores e mais capazes a ensinar as crianças menos instruídas. Neste período, progrediu e aperfeiçoou as práticas educativas, sempre unindo atividades intelectuais com o trabalho manual, adotou o ensino mútuo e o método intuitivo, que parte da primeira impressão que temos a respeito do objeto (BRUM, 2014, p. 32-33).

Novamente, a experiência durou poucos meses, pois as tropas francesas e suíças, que estavam em guerra com a Áustria, necessitaram transformar o edifício em hospital militar. Indiscutivelmente, alguns autores reconhecem que a experiência de Pestalozzi foi o princípio básico de sua pedagogia. Sobre isso, Eby (1976, p. 379) ressalta que “[...] encarregou-se do orfanato em Stanz, o qual nos curtos meses de sua existência se tornou o berço da escola elementar moderna”. Já Cambi (1999, p. 420) foi mais categórico ao discorrer sobre essa questão, pois defende que “Pestalozzi, melhor que Rousseau, colhe a pedagogia e a educação em toda sua problematicidade, e também sua centralidade e densidade históricas. E por isso continua a ser um dos grandes mestres da pedagogia contemporânea”.

Em linhas gerais, Incontri (1997, p. 87-88) relata que “[...] além da longa articulação da prática da educação moral e da narrativa propriamente dita, há inúmeras ideias-germes, não só do método pestalozziano, mas também de movimentos pedagógicos que dele descendem”. Na compreensão dessa autora, o caso militar foi apenas uma desculpa para aqueles que pretendiam afastar Pestalozzi do empreendimento. Ela ainda considera que as motivações são obscuras. Assim, Pestalozzi saiu de Stanz e seguiu para os Alpes, para casa de amigos, a fim de recuperar sua saúde que estava abalada. Nesse ínterim, escreve a *Carta de Stans*, expressando a dor que sentiu em relação à sua saída forçada (INCONTRI, 1997).

Em 1800, funda uma escola e seminário de professores no castelo de Burgdorf. Brum (2014) explica que tal empreendimento prosperou para além das fronteiras da Suíça, o que fez Pestalozzi permanecer de 1799 a 1804

Neste período, sua metodologia pedagógica já estava testada e comprovada. Porém, Pestalozzi percebeu a necessidade de aperfeiçoar e ampliar seu método pedagógico por meio da psicologia. A união com Hermann Krüsi e John George Tobler o fez reerguer-se econômica e moralmente, pois eles muito contribuíram para a fundamentação psicológica do seu método (BRUM, 2014, p. 34).

O intuito de Pestalozzi era formar professores que tinham por objetivo multiplicar seu método nas regiões mais pobres do seu país, pois estava preocupado com as consequências das revoluções helvética e francesa (LINS NETO, 2007).

Em 1801, publica *Como Gertrudes ensina seus filhos*, considerada uma das mais importantes obras de Pestalozzi. Composta por 14 cartas, ele declara que no início de sua trajetória, como educador, não tinha clareza do que estava fazendo, sabia apenas o que buscava. Para Ferreira (2017, p. 40): “[...] ele deixou transparecer em suas palavras o tamanho do desafio no qual havia se aventurado ao buscar sistematizar um método de ensino que fosse eficaz para a instrução das crianças”. Afinal, explicitou nessa obra os princípios educativos do seu método.

Em 1818, Pestalozzi abre o Instituto para pobres em Clindy, nas proximidades de Yverdon. Aliás, foi o trabalho realizado em Yverdon, em regime de internato, que projetou o nome de Pestalozzi, conforme relembra Soetard (2010, p. 21): “Pessoas de todas as partes foram observar este novo fenômeno pedagógico e aprendizes de professor foram [...] para serem treinados no método Pestalozzi”.

De acordo com Incontri (1997), o referido Instituto é integrado com o de Yverdon. A obra perdeu a confiança do público em virtude da polêmica com Niederer. Há processo de Niederer contra Pestalozzi, no entanto, foi decidido facilmente a favor de Pestalozzi. Em 1825, renuncia ao Instituto e retorna para Neuhof e escreve sua última obra *Canto do Cisne*. Em fevereiro de 1827, adoece e morre, em Brugg.

#### **4. A teoria dos três estados: natural, social e moral**

Na obra *Minhas indagações*, há um caráter ternário, denotando um movimento dialético. Os capítulos iniciais fazem alusão à teoria dos três estados, que são compreendidas como etapas do desenvolvimento da espécie humana. Para Incontri (1997), é o eixo orientador de toda a sua pedagogia, por ser constituída no devir do ser e da história, assim como na estrutura psicológica do homem e no desenvolvimento da infância. O primeiro *estágio natural* “[...]sugeria que se entendesse a camada do ser

do homem matizada pelo instinto, pelos impulsos, pelos desejos e pelos sentidos” (SATURNINO, 2012, p. 42).

Incontri (1997, p. 63) ressalta que: “Não há dúvida de que Pestalozzi se refere ao estado natural como um estado pré-social, à maneira dos iluministas, pois ele assinala claramente os motivos da entrada do homem num estado social”. Em outras palavras, é ali que se abrigam os desejos sensoriais e o impulso de sobrevivência.

O estado social flui como consequência da limitação dos instintos nascidos no estado natural, a partir da instalação do conflito do que o homem é ou quer tornar-se e o que a sociedade lhe permite que seja (SATURNINO, 2012, p.43). Na compreensão de Incontri:

[...] o estado social se opõe ao estado natural, mas é pelo atrito entre ambos que o homem dá seus primeiros passos como ser moral. Apenas quando se torna consciente de sua irracionalidade subjacente e da impotência dos meios externos para lhe dar a felicidade é que o homem pode se lançar à plena autonomia (INCONTRI, 1997, p. 65).

O estado moral, na compreensão de Pestalozzi, reside no conflito existente entre o estado natural que apresenta o homem, como obra da natureza e o estado social, revelado como obra da sociedade. Ademais, o estado moral é conquistado:

[...] a partir de um movimento interno no indivíduo, pois a sociedade, ao impor-lhe deveres extrínsecos, não pode fazer dele um ser moral. Todo o dever oposto à natureza animal só pode ser um estímulo à hipocrisia e à imoralidade. A moralidade deve usar a força animal, ou antes a existência animal tem de estar engajada na condição moral. Estabelece-se assim a dialética do ser (INCONTRI, 1997, p. 65).

A esse respeito, Saturnino (2012) aduz que o estado moral reside na dimensão individual,

[...] não podendo a sociedade ou o Estado impor-lhe uma condição de ser moral. É o próprio indivíduo que precisa interiorizar esta condição a fim de tornar-se o que ele é potencialmente. Podemos pensar num movimento circular, onde as contradições entre o ser natural e o ser social levarão a uma síntese do homem como um ser moral, conectado com a natureza divina que está dentro de si, um ser melhor, com capacidade de aperfeiçoamento e conquista de autonomia. Sua experiência em Stans pode mostrar como funcionava a prática da educação moral, que exigia a articulação de três elementos básicos: o amor pedagógico, a percepção e a linguagem (SATURNINO, 2012, p. 43).

Ou seja, é essencial que o indivíduo experiencie o aprendizado da vida, na prática de ser melhor, por meio de uma educação comprometida com o amor, sensível ao aprendizado e conjugada com o diálogo do saber divino, que conduz à moral estabelecida para a vida harmoniosa e sábia.

## **5. Princípio fundamental do pensamento de Pestalozzi**

O princípio fundamental de seu pensamento refere-se à existência de uma natureza, uma essência humana, dissociada de circunstâncias externas e das ações reguladoras da sociedade. Diante disso, Pestalozzi colocou em prática a educação moral, baseada em três etapas que não se excluem, e estão organizadas ordenadamente: o amor; a percepção e o exercício moral; a linguagem e a verbalização da moral. Em seu método, Pestalozzi destaca a trilogia *cabeça, mão e coração*, preconizando o desenvolvimento integral das potencialidades humanas, que não são excludentes, estão conectadas e não podem ser compreendidas como partes. Azevedo (1973), ao se referir à trilogia do método de Pestalozzi, entende que é para cultivar harmonicamente as distintas faculdades humanas. Nesse sentido, “A formação intelectual está ligada ao cérebro; a formação moral, a que o educador atribui a mais decisiva importância como emanção da presença de Deus, depende do coração e as práticas profissionais exigem emprego das mãos” (AZEVEDO, 1973, p. 35).

O fio que une e conduz essas tripartições é o amor (INCONTRI, 1997). A proposição de Mesquida (2016) reitera essa análise, ao enfatizar que nessa trilogia se fundamenta e se realiza toda a obra educativa de Pestalozzi.

Não é por acaso que o coração ocupa o centro desta trilogia. Ele alimenta e realiza a integralidade do ser humano: mente, sentimento, ação. Ou, ainda, intelecto, sentimento e ação. Modernamente, poderia ser traduzida pela fórmula saber pensar, saber sentir, saber agir, sendo que o saber pensar é nutrido pelo sentir assim como o saber agir tem sua fonte dinâmica no coração. A rigor, se a ênfase é colocada sobre o coração é porque a pedagogia de Pestalozzi é uma pedagogia do amor (MESQUIDA, 2016, p. 21).

Para Incontri (1997), a questão da natureza humana é o cerne de todas as outras ideias, pois aí se entrelaçam filosofia, religião, política e educação, e que é impossível desmembrá-las pela percepção global da realidade que Pestalozzi tem. Na concepção desse pensador:

[...] existe uma natureza humana igual em todos os homens, uma verdade essencial inerente ao ser, que deve e pode ser buscada por cada um de nós. Encontrando-a, podemos [...] deixar aflorar aquilo que apenas dorme oculto no fundo de nós mesmos (INCONTRI, 1997, p. 34).

Apesar de parecer um conceito vago, tem uma base sólida. Consoante explica Incontri (1997), a postura de Pestalozzi desvela uma crença ilimitada na autonomia humana em prol da verdade. Daí ele convocar os homens a procurarem por ela. Esse aspecto é relevante na educação pestalozziana. Nessa perspectiva, a natureza tem um aspecto dinâmico, isso porque ela está dentro do homem. À vista disso, a educação natural pressupõe duas condutas essenciais: a conexão consigo mesmo, a fim de nortear seu desenvolvimento, utilizando as forças que o impulsionam, e conectar o homem com a realidade, visando conhecimentos objetivos. Para Pestalozzi, ao descobrirmos essa harmonia em nós, encontraremos “[...] o caminho para a felicidade pessoal e coletiva” (INCONTRI, 1997, p. 36).

Assim, na elaboração de seu método, Pestalozzi propõe a percepção como princípio de toda a educação. Nesse viés, Incontri (1997, p. 101) chama a atenção para o fato de que antes de chegar à formulação de um conceito, é necessário “[...] criar um lastro de experiências, observações, vivências – resumidas na percepção”. Daí surgir a analogia com o fruto maduro, “[...] de que as palavras representam apenas a casca. A semente e o fruto devem se constituir da seiva da realidade” (INCONTRI, 1997, p. 101). Tal percepção, conduz a duas características essenciais: a exterior e a interior. A primeira está relacionada à percepção sensorial. Dito de outra maneira, há um contato direto entre sujeito e objeto. “A consciência se move ante a apreensão sensorial. Não se trata então de uma impressão passiva, numa linha puramente empirista”. Desse modo, a percepção exterior, aplicada pedagogicamente, segue em ritmo de

[...] lentidão e o equilíbrio dos estímulos que atingem diversas potencialidades do homem [...] é preciso perceber, sentir, ouvir, captar, olhar, apalpar, verificar, cheirar, se apossar dos objetos com o deslumbramento e a calma necessários, partindo sempre da realidade mais próxima, para depois alargá-la (INCONTRI, 1997, p. 101).

Em relação à percepção interior que “[...] é a apreensão do sujeito por si mesmo”. Em outras palavras, “[...] a apreensão de si mesmo não é mera percepção no plano intelectual – da consciência debruçada sobre si própria. O caráter da percepção interior está nos planos sensorial, afetivo –moral e intelectual” (INCONTRI, 1997, p. 102). Portanto, a proposta pestalozziana está inter-relacionada com a educação integral do indivíduo, para desenvolver harmoniosamente todas as suas potencialidades.

Zanatta (2012) discorre sobre a base do método pestalozziano e ressalta que:

Por isso é que a base do método intuitivo de Pestalozzi é a “lição das coisas”, acompanhada de exercícios de linguagem para se chegar às ideias claras. O método da “lição de coisas” caracteriza-se por oferecer dados sensíveis à observação, indo do particular ao geral, do concreto experienciado ao racional, chegando aos conceitos abstratos. Daí a ênfase ao contato direto com a natureza, à observação da paisagem, ao trabalho de campo como pressupostos básicos do estudo (ZANATTA, 2012, p. 107).

Assim, considerando a metodologia proposta por Pestalozzi, podemos afirmar que a aprendizagem do indivíduo está intimamente ligada à descoberta concreta do mundo, incitado pela percepção das coisas, sensitivamente, até alcançar o nível da racionalidade, para adquirir o conhecimento, e o professor deverá conduzir às descobertas com materiais do próprio meio em que vive e envolve o aprendiz.

## 6. Considerações finais

A partir do diálogo com os referenciais teóricos, verificou-se que, em seu contexto, Pestalozzi foi um **visionário revolucionário**, tendo em vista que democratizou a educação, anunciando-a como direito

de toda criança. Ademais, defendeu a educação não repressiva, isenta de punições, assim como era adepto do ensino como meio para desenvolver as capacidades humanas. Contestou a pedagogia tradicional, dedicou sua vida em ajudar crianças desamparadas a terem a educação elementar. Foi o primeiro a enfatizar a necessidade da inserção social como condição fundamental para as atividades escolares.

Com relação ao ensino mútuo, contribuiu para desenvolver as habilidades dos alunos, estimular a colaboração e minimizar qualquer perspectiva de competição. A cooperação mútua é o cerne das relações entre os alunos (INCONTRI, 1997).

As ideias pedagógicas de Pestalozzi, denotam uma contribuição ímpar para a educação, justamente por vislumbrar nela as infinitas possibilidades para o desabrochar do ser humano.

## **Referências**

ARCE, A. **A pedagogia na “era das revoluções”**: uma análise do pensamento de Pestalozzi e Froebel. Campinas: Autores Associados, 2002.

AZEVEDO, Rafael Ávila de. As ideias pedagógicas de Pestalozzi (1746-1827). In: **Revista da Faculdade de Letras**. Porto: [s.n.], 1973. (Biblioteca Nacional de Portugal). p. 29-42.

BONTEMPI JÚNIOR, B. O pedagogo prático e seu método em perene construção: J. H. Pestalozzi (1746-1827). In: BOTO, C., ed. **Clássicos do pensamento pedagógico: olhares entrecruzados** [online]. Uberlândia: EDUFU, 2019, pp. 71-87. História, Pensamento, Educação collection. **Novas Investigações séries**, vol. 9. ISBN: 978-65-5824-027-3. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/edufu-978-85-7078-472-8>. Acesso em: 27 maio. 2022.

BRUM, M. L. T. **A Pedagogia Social em Pestalozzi**: Teoria e Prática Pedagógicas. Dissertação Mestrado em Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas -RS, 2014.

CAMBI, F. **História da Pedagogia**. São Paulo. Ed. Da Unesp, 1999.

EBY, F. **História da educação moderna**: teoria organização e práticas educacionais. 2 ed. Porto Alegre, Glpbp; Brasília, INL. 1976.

FERREIRA, J. S. **Apropriações do método intuitivo de Pestalozzi para o ensino de saberes elementares matemáticos em periódicos brasileiros do final do século XIX e início do século XX**. Dissertação Mestrado Em Ensino de Ciências e Matemática, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão - SE, 2017.

GADOTTI, M. **História Das Ideias Pedagógicas**. São Paulo: Ática, 2002.

GASPARIN, J. L. As ideias de Pestalozzi no Brasil, por João Luiz Gasparin. In: João Luiz Gasparin; Martha Aparecida Santana Marcondes. (Org.). **Johann Pestalozzi**. 1ª ed. Recife: Editora Massangana, 2010, v. 1, p. 21-40.

INCONTRI, D. Pestalozzi. **Educação e ética**. São Paulo: Scipione, 1996. (Coleção Pensamento e Ação no Magistério).

LINS NETO, N. M. **Os fundamentos teológicos da Educação infantil**: Um estudo do diálogo entre protestantismo e educação infantil nas cartas sobre Educação Infantil de Pestalozzi. Dissertação Mestrado Em Ciências da Religião, Universidade Presbiteriana Mackenzie - SP, 2007.

LUZURIAGA, L. **História da educação e da pedagogia**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

MANACORDA, M. A. **História da Educação**: da antiguidade aos nossos dias. São Paulo: Cortez, 1992.

MESQUIDA, Peri. O método em Pestalozzi: a matemática como caminho para a verdade. **HISTEMAT – Revista de História da Educação Matemática**, v. 2, n. 1, p. 19-39, 2016.

PALMER, J. A. 50. **Grandes educadores**: de Confúcio a Dewey. São Paulo: Contexto, 2005.

PESTALOZZI, J.H. **Como Gertrudis ensina seus filhos**. Trad. de José Tadeo Sepúlveda. Buenos Aires: Ed. America Latina. 1967.

ROUSSEAU, J. **Emílio ou da Educação**. Tradução: Sergio Millet. 3 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SANTOS, M. P. dos. A pedagogia filosófica do movimento iluminista no século XVIII e suas repercussões na educação escolar contemporânea: uma abordagem histórica. **Imagens da Educação**, v. 3, n. 2, p. 1-13, 2013.

SATURNINO, E.L. História, pedagogia e sociedade: as singularidades do pensamento de Pestalozzi. **Revista Ensiqlopédia**, v. 9, p. 36-51, 2012.

SÖETARD, M. **Johann Pestalozzi**. Trad. Martha Aparecida Santana Marcondes, Pedro Marcondes e CirielloMazzetto. Recife: Fundação Joaquim Nabuco; Massangana, 2010. (Coleção Educadores).

ZANATTA, B. A. O Método Intuitivo e a Percepção Sensorial como Legado de Pestalozzi para a Geografia Escolar. Cad. **Cedes**, Campinas, vol. 25, n. 66, p. 165-184, maio/ago. 2005.

ZANATTA, B. A. O legado de Pestalozzi, Herbart e Dewey para as práticas pedagógicas escolares. **Rev. Teoria e Prática da Educação**, v. 15, n. 1, p. 105-112, jan./abr. 2012.

Recebido em: 06-09-2022

Aceito em: 18-08-2023

Endereço para correspondência:

Nome Avani Maria de Campos Corrêa\*

Email avacorrea@hotmail.com



Esta obra está licenciada sob uma [Licença Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)